

Educação para robôs

Luiz Carlos Lisboa

Um personagem de John Updike diz que as crianças foram sempre um problema para os pais e a sociedade, e para resolver a questão os patriarcas e fundadores providenciaram jaulas que chamaram de escolas, equipadas com um tipo de tortura chamado educação. Assim, a escola é o lugar para onde vamos quando nossos pais já terminaram o principal de sua tarefa conosco, e a indústria ainda não nos pode aproveitar. Apesar da caricatura evidente, a crítica é justa quando denuncia a necessidade de "ocupar" o homem, e a acumulação de conhecimentos que a escola promove no espírito da criança, em prejuízo da originalidade da consciência individual.

Nos seus estudos sobre sonhos, mitos e contos de fadas, Marie-Louise von Franz, que colaborou durante muitos anos com Carl Jung, fala sempre da experiência que teve como professora. Em livro notável sobre a história da alquimia (ed. Cultrix), ela registra o seguinte: "Como professora, lutei frequentemente com as crianças, implorando-lhes que crescessem o que pensavam e não o que lhes fora dito, e percebi que as crianças têm grande dificuldade em fazê-lo porque essa é a função da escola, a tendência do desenvolvimento destes anos: a aquisição gradual da consciência coletiva. A assimilação da consciência coletiva é, de fato, a função da escola e, portanto, a originalidade da consciência individual declina rapidamente, de modo que aos 20 anos as pessoas já são um depósito de conhecimentos coletivos. Se perguntarmos a opinião delas a respeito de qualquer coisa, limitam-se a repetir o que seus pais ou amigos dizem, ou o que leram no jornal, e temos a maior dificuldade em fazê-las voltar a uma reação pessoal é consciente que se caracterize por sua singularidade". Para Von Franz, pensamos geralmente que temos consciência do mundo e de nós mesmos, mas o que acontece de fato é que temos consciência no reino do coletivo e nem sequer sabemos até que ponto nossa consciência individual é pequena.

Esse fantástico condicionamento começa na infância, em casa, e vai sendo enriquecido na escola, até atingir a "automação" que caracteriza a maioria quase absoluta dos indivíduos — que no entanto afirmam a própria consciência com grande ênfase e até com o que eles próprios chamam de "lógica". É desse modo que nós todos, homens comuns, somos muito ignorantes a respeito do quanto somos mera repetição do coletivo, do cultural e desse "todo mundo" que alguma vaidade paradoxal nos leva a repudiar. Nietzsche gostava de avançar nesse terreno de um modo particular, afirmando que "a pior maneira de corromper um jovem é ensiná-lo a estimar mais os que pensam como ele próprio do que aqueles que pensam de maneira diferente". A dificuldade em aceitar a própria limitação é produto dessa mesma limitação, fechando-se o círculo que dificulta e de certo modo impede a abordagem do problema, numa visão nova e não "retroalimentada" por aquilo que se deseja superar.

A opinião geral sobre ensino, escolas e educação acabou subordinada aos lugares-comuns repetidos há muitas décadas por especialistas e

obras respeitáveis, de tal maneira que hoje é praticamente impossível falar (ou pensar, o que seria fundamental) de um modo informal e liberto do discurso tradicional, sobre esses temas. Os pais mandam seus filhos para onde todos os outros pais mandam, porque não desejam que eles se sintam diferentes dos demais, ou porque querem que eles estejam preparados para competir num mundo que tem seu código estabelecido. As regras que dispõem sobre o sucesso individual não discutem sobre as características desse sucesso, mas apenas ditam o ritual que deve ser obedecido. As escolas simplesmente treinam a criança no conhecimento desse código, e jamais despertam sua curiosidade sobre o significado do jogo. As perguntas que a escola responde dizem respeito somente à aquisição dos conhecimentos que serão usados (automaticamente, diga-se de passagem) na luta pela sobrevivência.

Bibliotecas inteiras versam o tema e discutem a educação, mas são escassas as obras que se interrogam sobre tudo isso, ou que levem as crianças a fazer perguntas criativas — e a descobrir em si mesmas respostas fundamentais. Raramente se diz à criança (em casa ou na escola) que ela própria tem as soluções de que precisa, e tudo que se faz preciso é que se interroge (ou seja interrogada) da maneira certa. Isso pode ser antigo como o homem, e ter sido ensinado por espíritos tão abertos quanto o de Sócrates, mas é difícil de transmitir a um mundo que só deseja repetir, porque é mais fácil imitar, e o medo do desconhecido é maior do que se supõe nas pessoas. E as crianças são mais "inocentes" que os adultos, podendo descobrir de modo mais fácil que seu "mestre interior" é o melhor de todos os pais e professores. Sem milagres ou superstições, o bom aprendizado não está na resposta inteligente, mas na pergunta bem-colocada, que se pode fazer ou que se pode ouvir.

A escola tradicional define educação como uma acumulação imensa de dados, alguns necessários e outros supérfluos, num sistema que privilegia a memória e ignora a intuição, desenvolvendo no estudante a capacidade de somar e arquivar. Com o advento do computador, o homem educado moderno torna-se uma antiquilha facilmente superável pela máquina, que pode ser um depósito de memória bem superior ao córtex humano.

O outro lado da mente, que um robô da última geração não pode imitar e ultrapassar, esse o estudante contemporâneo também não desenvolve, uma vez que o sistema educacional adotado em quase toda parte faz da memória o seu apanágio e considera a intuição um fantasma camarada, no qual é possível acreditar ou não. Se as escolas são jaulas, como diz o herói de Updike, essa é uma questão que depende do que se quer chamar liberdade. Quanto ao fato de a educação que conhecemos ser uma forma de tortura, há algum exagero nisso: afinal de contas, um bom número de estudantes consegue misturar a montanha de dados que o diabo lhe dá a pequenas doses da poção intuitiva com que Deus presentearia seus filhos. O que há de melhor no mundo sai dessa mistura.